

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO AMERICANOS SOBRE CULTURA E COMUNICAÇÃO**

A arte ativista enquanto meio de comunicação radical

Leandro Henrique Brasílio dos Santos

Novembro de 2015

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de especialista em Gestão de Projetos Culturais sob orientação do Prof. Dr. Dennis de Oliveira

A ARTE ATIVISTA ENQUANTO MEIO DE COMUNICAÇÃO RADICAL ¹

Leandro Henrique Brasílio dos Santos

RESUMO

Partindo do conceito de arte ativista, o presente artigo pretende abordar o tema do artista ativista nos ambientes públicos, seguindo os ensinamentos de John Downing quando diz que a arte é uma forma de comunicação radical. Analisaremos a arte ativista enquanto estética de arte e enquanto meio de comunicação alternativa as pautas hegemônicas, destacando ações dos coletivos *Corpos em Fluxo* e *Ogiva ação.imagem*, que promovem ações na cidade de São Paulo.

PALAVRAS-CHAVE: arte; ativista; comunicação radical;

ABSTRACT

Based on the concept of activist art, this article intends to address the issue of artist activist in public places, following the teach John Downing when he says that art is a form of radical communication. We analyze the activist art as an aesthetic art and as a means of alternative communication hegemonic agendas , highlighting actions of collective *Corpos em Fluxo* and *Ogiva ação.imagem*, which promote actions in São Paulo.

KEYWORD: art; activism; radical communication

RESUMEN

Basado en el concepto de arte activista, este artículo tiene la intención de abordar la cuestión del artista activista en lugares públicos , siguiendo el enseñar John Downing cuando dice que el arte es una forma de comunicación radical. Analizamos el arte activista como un arte estético y como un medio de comunicación alternativo agendas hegemónicas , destacando acciones de los colectivos *Corpos em Fluxo* y *Ogiva ação.imagem*, que promueven acciones en São Paulo.

PALABRAS CLAVE: arte; activista; comunicación radical

¹ Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de especialista em Gestão de Projetos Culturais

1. Introdução

A arte sempre teve um papel fundamental na sociedade. Debruçando-se criticamente sobre determinados assuntos, a arte em suas mais variadas estéticas, registrou a história mundial.

A arte ativista, enquanto estética de arte, é um movimento contemporâneo que se preocupa não apenas em registrar a história no mero aspecto contemplativo. Seu objetivo está no engajamento político e social, enfrentamento problemáticas relacionadas à política, a economia e a demais assuntos de interesse social.

“Um estudo cuidadoso sobre os atuais desdobramentos da arte contemporânea no campo político deve, necessariamente, considerar a atuação dos coletivos de arte e suas afinidades com as recentes mobilizações sociais”. (MESQUITA, 2006).

A arte ativista encontra espaço nos coletivos e movimentos preocupados com demandas sociais que afligem toda a sociedade, expressados através da subjetividade de cada grupo. O surgimento destes grupos em grande parte está atribuído aos movimentos oposicionistas, seja em relação à religião, raça, sexo, ou até mesmo ao modo de produção e consumo da globalização capitalista.

Nesse sentido, percebe-se que a arte ativista nasce sob a estética da resistência. Ou seja: os artistas-ativistas utilizam sua forma de expressão artística para colocar em pauta contradições sociais, realizando suas manifestações (*performances*, intervenções urbanas, grafites, lambes-lambes etc.) a partir de uma leitura crítica mundo.

“De certa forma, tais manifestações nem sempre são vistas como arte, mas desempenham em suas funções uma tarefa similar ao apropriar-se de configurações estéticas, potencialmente criativas, sobre o social, o simbólico e o político.” (MESQUITA, 2006).

Resistir, significa, *in casu*, se apropriar de conceitos do que é tradicionalmente chamado de arte e o transformar a partir de uma visão contemporânea e crítica do mundo. Sendo assim, a arte ativista busca uma conexão e intervenção no cotidiano das pessoas a partir de uma convergente visão coletiva da sociedade.

Atuar coletivamente significa agir no campo de transversalidade, o que significa produzir formas de subjetividade, trabalhar com a cooperação e o predomínio de interconexões múltiplas, fluídas e mutáveis, num intenso processo de desterritorialização e reterritorialização das relações sociais. (MESQUITA, 2006).

Diferentemente das tradicionais estéticas de arte, a arte ativista não opera num espaço consagrado; nesse caso a cidade, o espaço urbano, local de convívio social em todas as duas dimensões, é o “palco” ideal para ações e intervenções.

Nesse artigo, a partir dos conceitos de arte ativista adotado por André Mesquita, analisaremos a relação entre o ativismo na arte e o espaço público, analisando ações de dois coletivos de arte que atuam em locais públicos na cidade de São Paulo: *Corpos Em Fluxo* e *Ogiva ação.imagem*.

2. Ativismo nas artes: meio de comunicação radical

Novas formas de participação social surgem no mundo a todo instante. No campo das artes o ativismo tem se mostrado uma das estéticas contemporâneas que mais contribui para a interferência social, proporcionando não apenas uma carga reflexiva, mas construindo alterações substanciais na ordem normal da sociedade.

John Downing expõe em sua obra *Mídia Radial* (2004) que movimentos oposicionistas que compõe a sociedade, possuem grande influência na emergência das mudanças sociais. Cita exemplos de movimentos de 1980 no início da guerra fria, conseguiram, através da mídia alternativa, significativa adesão por parte da população na de oposição ao uso de armas nucleares.

Segundo o pensamento de John Walker, importante teórico citado por Downing, a arte engajada socialmente pode ser considerada a única mídia radical que ainda nos resta. Nesse sentido, Downing demonstra que na história da arte vários foram os movimentos artísticos que desempenharam influências que ocasionaram significativas mudanças sociais, como é caso do dadaísmo, do surrealismo, do expressionismo e dos situacionistas, que possuíam suas especificidades, mas que em comum possuíam um sentimento de mudança, seja da própria arte em si, seja do contexto social a que estava inserida.

Assim, nota-se que a relação entre arte e mídia é que aquela se configura como forma de comunicação pública e política, sendo capaz de produzir impactos reais na sociedade.

Então, a arte vista como meio de comunicação ocupa opera enquanto mídia radical, haja vista causar grande impacto de conteúdo estético, bem como possuir caráter intensamente interativo e pela abrangência do acesso massivo a este tipo de comunicação.

Na tapeçaria da cultura rebelde, o teatro de rua está inserido como comunicação radial. Como exemplos disso temos o teatro radical britânico, influenciado por Brecht na tentativa de tornar à audiência ativa, o teatro radical americano, inspirado nas lutas dos trabalhadores rurais mexicanos, além da experiência aqui no Brasil de Augusto Boal, que não fez um teatro para o palco, sim para as ruas com o nítido propósito de provocar.

Na visão dos ativistas do teatro, a peça não era um momento sagrado isolado durante o qual uma platéia intelectual podia desligar-se da vida e pôr-se em contato com a alta cultura, mas uma obra de arte cujo propósito era participar da vida cotidiana das pessoas. (DOWNING, 2004).

A partir deste pensamento é possível compreender que a atividade do artista ativista não está ligada somente a retórica, ao discurso engajado, a estética ou a ética do artista, mas no seu envolvimento em questões sociais que possam, através de suas práticas, produzir verdadeiras alterações sociais.

‘A rua, o espaço urbano acaba por ser o instrumento mais eficaz para realização dos embates simbólicos a que o artista ativista se propõe, sendo um local de partilha do sensível, tanto no plano estético, quando no plano político. (RANCIÈRE,2005)’.

A vontade de realizar ações, intervenções e performances na cidade, fragmentada por contradições sociais e econômicas e pelo aparato mercadológico da publicidade e da mídia, está intimamente ligada com a introdução de novos modos de engajamento político no cotidiano, transformando os artistas em agentes ativos e catalisadores de experiências, integrando arte e vida (MESQUITA, 2006).

Desta mistura conseqüentemente nascem inúmeros conflitos de interesses. Vários são os embates simbólicos verificados na relação arte ativista e espaço

urbano. Nesse sentido, o artista que pretende realizar uma ação em um ambiente público enfrenta um desafio de (re)criar o seu espaço, dentro de um ambiente carregado de símbolos e catracas visíveis e invisíveis.

Nos espaços abertos da metrópole, contudo, esta reconfiguração implica o enfrentamento de contradições e interesses conflituosos que neles ocorrem, caracterizando-os como cenários socialmente tensos e sabidamente, sob pressão crescente. Além disso, as contingências e modos de controle que incidem nestes lugares urbanos – sejam estes modos legais ou não, organizados ou informais, conferem-lhes um ambiente de incertezas e riscos que afetam a natureza de todas as iniciativas que ali acontecem. (PALLAMIN, 2007).

Deste modo, a arte ativista não opera somente com a crítica social, mas também com insegurança e com conflito de interesses entre os indivíduos, ou até mesmo em relação aos mecanismos de controle do Estado, o que conseqüentemente, causa alterações em seu modo de produzir cultura.

Podemos perceber então que há uma tendenciosa omissão dos meios de comunicação de massa, fazendo prevalecer o interesse hegemônico.

Esses bloqueios se erguem de muitos setores: dos poderosos elementos que compõe a dinâmica da economia capitalista, do silêncio do governo, do obscurantismo religioso, dos códigos patriarcais e racistas institucionalizados, de outros códigos hegemônicos.

Assim, o bloqueio da expressão pública obrigou e ainda obriga pautas que possuem uma visão alternativa acerca da perspectivas hegemônicas a criarem suas próprias estratégias de comunicação para chegarem ao público, sendo a arte ativista um meio legítimo, quiçá um dos únicos meios rebeldes de comunicação que ainda nos resta.

Após uma breve introdução sobre a arte como meio de comunicação radical, partiremos agora para uma análise de ações realizadas em espaços urbanos por coletivos de arte da cidade de São Paulo.

O primeiro objeto de análise é o coletivo de *performance* urbana *Corpos em Fluxo* que possui um trabalho relacionado ao pertencimento dos espaços públicos. E o coletivo a ser analisado em seguida será o *Ogiva* ação.imagem que também

possui engajamento social e político, sempre trabalhando com temas de grande visibilidade social.

Nos dois grupos, percebe-se que a gene do trabalho reside na reflexão crítica sobre espaços públicos ou eventos que possuem grande importância para a sociedade. Suas ações são realizadas em espaços urbanos, dialogando com o espaço público que é ressignificado em cada ação.

Segundo o diretor responsável pela organização do Coletivo Corpos em Fluxo, o processo de escolha do tema ou do assunto a ser abordado dos trabalhos do coletivo:

Normalmente surge de uma inquietação pessoal, depois a verificação se essa inquietação encontra ecos no coletivo e por último da urgência em fazer algo que aborde a temática que surgiu. Como fazemos coisas efêmeras, buscamos uma sintonia com o momento da sociedade ou de um lugar específico.

A partir da fala do diretor do coletivo, é possível perceber que o trabalho do coletivo em muito se aproxima da configuração utilizada por manifestações culturais consideradas por Downing como radicais, como é o caso do teatro do Augusto Boal cujo objetivo é criar na platéia um movimento existencial e político com o espaço físico de sua esfera e suas preocupações cotidianas (DOWNING, 2004).

Nota-se que o ato de criação leva em consideração a necessidade de comunicar algo a alguém, e que esse algo é comunicar é geralmente uma pauta alternativa às questões hegemônicas tão bem exploradas pela mídia massificada.

No trabalho denominado “Vende-se Terra”, do Coletivo Corpos em Fluxo, o fio condutor está na reconfiguração espacial de locais públicos. Nele, o coletivo delimita um espaço, sempre público, o explora através do comando que dá nome a ação e ao final distribuí todo o valor arrecado a moradores de rua. Percebe-se que o questionamento reside na espacialidade simbólica dos espaços públicos, ou seja, na venda de uma terra que é pública, é etimologicamente, de todos. No momento em que a terra é posta à venda, há uma evidente reconfiguração do espaço, que transforma-se num produto passível de receber um preço, num bem industrializado que somente pode ser consumido por aqueles que possuem condições financeiras.

Merece destaque nessa ação a entrega do valor arrecadado com a venda da terra pública aos moradores de rua. A reflexão se dá em relação a especulação imobiliária que a transforma a cidade de São Paulo em um local ultra contraditório, haja vista que a política de urbanização dos espaços públicos estão todas baseadas no critérios econômicos, não havendo espaço, na maior cidade de América Latina, para pessoas que não sejam afortunadas economicamente.

Numa análise mais aprofundada, nota-se que o coletivo se apropriou da causa de outros movimentos sociais, como o MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, que desde 1980 promove ações de resistência visando combater a desigualdade social em decorrência da perversa concentração fundiária consolidada no Brasil.

Reconfigurando o tema da reforma agrária através da sua subjetividade, o coletivo promove uma reflexão sobre o desenvolvimento social e econômico no Brasil. Demonstrando uma ligação afetiva pela cidade, promove denúncias, através de ações poéticas, praticando, assim, ativismo social, germe da arte ativista, que consiste não apenas na estética, mas no engajamento social.

É da união entre artista e vínculo social que as novas formas estéticas de autogestão são ampliadas, convertendo-se em ferramentas de trabalho comunitário e ultrapassando uma mera transmissão de dados informativos e históricos, ou apenas satisfazendo a demanda de uma “novidade artística” comprometida com a tendência do momento (MESQUITA, 2006).



(Figura 1 - Coletivo Corpos em Fluxo - Julho de 2015. Registro: José Sampaio)

Para além do tema do trabalho, o diretor também foi questionado acerca da escolha do espaço urbano para a realização da ação:

O espaço urbano é nosso material de trabalho. Trabalhamos para encontrar as pessoas nos lugares em que elas estão e nos relacionar com elas. Na rua o seu trabalho não é avaliado previamente por nenhum curador que vai ou não te dar permissão para você se apresentar ou não. Na rua você se apresenta. E o aval é dado durante a apresentação, na maneira como se criam relações ou não. Acreditamos na apropriação, na ocupação dos espaços públicos de fato. Identificamos isso como uma urgência em uma cidade cada vez mais tomada por torres-bege-com-espaco-gourmet-e-mil-seguranças-na-porta, repleta de avenidas hostis para pedestres e espaços mortos. A mente coletiva vai se trancando em *bunkers* urbanos no movimento do trabalho para casa, do escritório-blindado para o apartamento na torre-castelo. E isso mata qualquer possibilidade de convivência, compartilhamento, coletividade e ação pública. Então, fazer obras na rua e se relacionar com a rua é acender uma luz quanto a isso. Felizmente muita gente também vai na contra-mão da torreficação da cidade, e fazemos parte dessa consciência. Fazer na rua tem o sentido de mostrar para as pessoas que é possível, que o espaço é de todos, juntos, sem medo, compartilhando experiências. Serve também para dialogar com o presente momento dos acontecimentos que vivemos coletivamente e colocá-los em voga sob um outro prisma.



(Figura 2 - Coletivo Corpos em Fluxo - Julho de 2015. Registro: José Sampaio)

Vê-se, a partir deste pensamento, que a criação do artista ativista não é somente o mero aspecto contemplativo por parte do público, o que poderia ser alcançado com produção de um vídeo para transmissão em uma galeria de arte, por exemplo. Nota-se que o trabalho desde a sua concepção pretende envolver as pessoas de maneira direta com questões que fazem parte de seu cotidiano, engajando-as e estimulando-as a refletir princípios que certamente irão pautar suas vidas.

Além das questões relacionadas ao ativismo, se analisada sob a ótica da mídia alternativa, a intervenção urbana *Vende-se terra* apresenta aspectos interessantes especialmente na tentativa de interação com o público, que é atingido diretamente pela estética utilizada como estratégia de interação. Tal estratégia faz com que a interação artística supere, por exemplo, um estudo empírico sobre o assunto. Nesse sentido, o processo artístico verificado na intervenção urbana integra os transeuntes na pauta alternativa da reforma agrária de modo que as pessoas deixam de ser apenas espectadores, colocando-as em contato direto com assunto, afastando-as da dimensão da culpa, ou da ausência de culpa por algo, e aproximando-a da questão da responsabilidade social por algo.



(Figura 3 - Coletivo *Corpos em Fluxo* - Julho de 2015. Registro: José Sampaio)

O coletivo *Ogiva ação.imagem* tem desenvolvido ações de reflexão crítica ao padrões do mundo ocidental. Definem-se como um grupo cujo foco é desenvolver

trabalhos artísticos que envolvam esferas de ação – intervenção, dança, *performance*, teatro, ação-direta e da Imagem – grafite, ilustração, fotografia, audiovisual, animação, sempre buscando o jogo e a mistura de todos esses elementos.

Na ação denominada “Não #vaitercopa” o coletivo propôs uma reflexão sobre o maior evento futebolístico do planeta, a copa do mundo da FIFA. . A ação consistiu em reunir artistas e não-artistas que, a partir de uma inquietação pessoal, propunham uma ação pontual a ser realizada durante os dias de realização dos jogos.

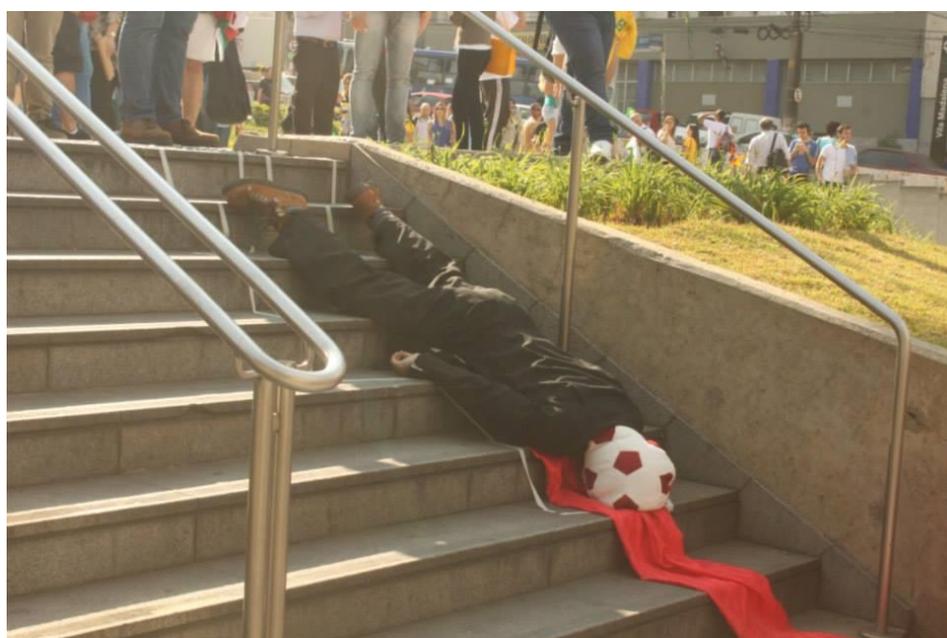
Grupo heterogêneo de pessoas, cada qual com a sua subjetividade, criou-se táticas para a realização de ações, que apresentaram similaridades com o intuito de realizar denúncias sociais, fornecendo uma resposta crítica a um evento de grande impacto social, seja pelo apelo midiático, seja pelo valor investido pelo governo Brasileiro para a sua realização, dentre outros fatores.



(Figura 4 - Coletivo ogiva ação.imagem - Junho de 2014)

O coletivo se apropriou do clamor social que surgiu no Brasil após o anúncio de que o país sediaria um evento de porte internacional e que para tanto deveria cumprir metas de desenvolvimento, que estavam tão somente ligadas à construção de estádios, rodovias, estradas, mas não que contribuíam para o efetivo desenvolvimento da sociedade num viés social.

Tal demanda, que inclusive foi uma das vistas durante os protestos realizados no Brasil em junho de 2013, foi utilizada pelo coletivo que em 2014, durante os jogos da Copa do Mundo, realizou ações performáticas em locais de grande circulação de pessoas em razão dos jogos. A pauta levantada por eles, que evidentemente não era nova, muito menos individual, foi explorada durante um momento de grande visibilidade, nacional e internacional, erguendo o tema ao debate público, demonstrando uma solidariedade colaborativa, com nítido desejo de transformação social.



(Figura 5 - Coletivo ogiva ação.imagem - Junho de 2015.)

A solidariedade entre os ativistas surge do resultado de um conjunto comum de interações e motivações entre as pessoas, do nós prevalecendo sobre o indivíduo, dos atores sociais se reconhecendo diante de suas lutas e de um desejo de transformar os caminhos de suas vidas. (MESQUITA, 2008).

A ação, percebe-se, representa uma proposta de alteração do pensamento das pessoas que estavam dispostas a ir aos estádios assistir os jogos da Copa. Tal reflexão contribui para uma mudança de percepção política do evento como um todo, alterando o símbolo do evento, influenciando uma compreensão do evento através de signos distintos do que apregoados pela mídia tradicional.

Nesse sentido, a arte ativista atinge a tarefa de assimilar configurações estéticas sobre o simbólico e reconfigurá-la através da subjetividade de coletivo que trabalha a partir de demandas sociais, almejando mobilização popular acerca de determinado assunto ou demanda.

Ou seja, manifestações artísticas podem mediar um teor de engajamento e ação social, logo, um teor propriamente político. Nesta via de produção de sentido e de material simbólico, artistas e não-artistas participam de diferentes maneiras sobre diversas situações que carregam um certo clamor político e de mudança social. Há, pois, a relação entre “arte” e “ativismo”, isto é, uma atividade ou manifestação que visa mudança sociais e /ou políticas (OLIVEIRA; ALVES, 2013)

Considerações finais

Diante do que foi apresentado, é preciso reconhecer que a mídia alternativa é aquela que não apenas pauta um assunto não hegemônico, mas sim aquela que pauta assuntos relevantes para a sociedade como um todo, haja vista que tudo é alternativo há algo a depender do ponto de vista. A mídia radical é aquela que trata de assuntos que apenas não integram as discussões de um modo geral por nítido interesse patrocinado, faz que possuem grande interesse e relevância para a sociedade como um todo.

Destaca-se também que os meios de comunicação alternativos podem se dar de vários modos. No campo das artes, como foi sendo observado pelos movimentos artísticos que compuseram a história da arte mundial, várias foram as formas de comunicação radical, seja através do teatro de rua, da *performance* urbana, do grafite etc., a arte ativista é apenas uma das formas existentes de expressão da inconformismo social em relação a determinado assunto.

Como base nisso, foram analisados trabalhos de dois coletivos artísticos, chegam a seguinte conclusão: as ações dos coletivos de arte ativista trabalham a partir de suas experiências ressignificando objetos já pertencentes a sociedade discutindo-os através de sua subjetividade, sem contudo, afetar a mobilização popular sobre o assunto, pelo contrário, promovendo convergência de pensamentos sobre o tema discutido.

Assim, tal dinâmica contribui para, dentre outras possibilidades, romper as barreiras da estética e provocar debates sociais em várias esferas, já que ações realizadas nas ruas denotam diálogo com questões relacionadas com a sociedade, justamente por debater assuntos ali estabelecidos.

Outra característica quem mereceu destaque nas ações dos coletivos foi a de que o rompimento com as convenções tradicionais, no sentido de transformar o não-artista em artista, haja vista que o espaço urbano é um local de partilha e embate simbólico, provocando num transeunte uma reflexão sobre uma problemática social construída na rua e nela discutida.

Com dinâmicas multifacetadas, a arte ativista, portanto, se encarrega de provocar nos artistas e nos não-artistas, uma reflexão acerca de problemáticas sociais, construindo novos símbolos para a compreensão de temas que já possuem relevância na sociedade. Tal posicionamento constitui um questionamento plural, feito por várias vozes, que até podem possuir opiniões distintas, mas que juntas, formam um grande coro para o clamor de alterações políticas e sociais no mundo contemporâneo.

Referências Bibliográficas

DOWNING, John D. H., **Mídia Radial: Rebelia nas Comunicações e Movimentos Sociais**. 2ª ed. – São Paulo: Editora Senac, 2004.

MESQUISTA, André. **Insurgências poéticas: arte ativista e ação coletiva**. Disponível em: http://www.espiral.fau.usp.br/arquivos-artigos/2008-dissertacao_Andre_Mesquita.pdf. Acesso em: 13 jul. 2015.

_____. **Arte-Ativismo: Interferência, coletivismo e transversalidade**: Disponível em: <https://exerciciodacritica.files.wordpress.com/2009/05/arteativismo1.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2015.

PALLAMIN, Vera. **Do lugar-comum ao espaço incisivo: dobras do gesto estético no espaço urbano**. Disponível em: http://www.usp.br/fau/fau/ensino/docentes/deptecnologia/v_pallamin/textos/lugarcomum/do_lugarcomum_ao_espaco_incisivo.pdf. Acesso em: 20 ago. 2015